

BC mira inflação e freia queda de juros

Copom corta taxa básica em 1 ponto percentual, para 19% ao ano. Economistas elogiam, mas setor produtivo fica frustrado

EDNA SIMÃO E CESAR BAIMA

BRASÍLIA e RIO – O Banco Central voltou ao gradualismo e à cautela na condução da política monetária, conforme já havia transparecido nas últimas semanas e esperava o mercado financeiro. O Comitê de Política Monetária da instituição decidiu ontem, por unanimidade, cortar em um ponto percentual, para 19% ao ano, a taxa básica de juros do país (Selic). Nas reuniões de agosto e setembro, o Copom havia reduzido a Selic em 2,5 e 2 pontos percentuais, respectivamente. Além de diminuir o custo da captação do dinheiro, o corte vai ajudar na redução de gastos do governo. Cálculos do Tesouro Nacional indicam que, se a taxa for mantida nesse nível, a economia será de R\$ 3,5 bilhões no ano.

– O BC já havia anunciado que o período de grandes cortes tinha ficado para trás. Em vez de exagerar para baixo, o que poderia pressionar a demanda e levar a um repique inflacionário, o BC decidiu ir com calma para ver a reação da economia – avaliou Aldo Ramos, economista do Banif Primus Asset Management.

Economista-chefe do Citibank, Carlos Kawall elogiou a decisão. Ele observou que uma queda maior afetaria a expectativa inflacionária e atrapalharia a estratégia do Tesouro de alongar os vencimentos da dívida.

– É aconselhável manter a trajetória suave e gradual da taxa de juros ao invés de produzir grandes alterações.

Já o economista Hugo Pentead, do ABN Amro Asset Management, explicou que, após 7,5 pontos percentuais de queda na Selic, é preciso aguardar para saber os efeitos na atividade econômica.

Economia nos gastos do governo chegará a R\$ 3,5 bi este ano

– É preciso cautela. Reduzir os juros rapidamente poderia acelerar a demanda e provocar recuperação de margem maior. Isso faria a inflação subir.

Se o mercado aprovou, os empresários criticaram a cautela do BC. A Confederação Nacional da Indústria e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo consideraram tímida a decisão. Para a Fiesp, o BC “optou muito cedo” por começar o “ajuste fino da política monetária”.

– Com isso, (o BC) reduz o im-

pacto de cada decisão sua no nível de confiança de consumidores e empresários, tornando quase desprezível qualquer contribuição sua adicional para a economia neste fim de ano – escreveu em nota o presidente da Fiesp, Horacio Lafer Piva, acrescentando ser preciso aproveitar o ambiente favorável para “soltar as amarras da economia, continuando a derrubar os juros e o fazendo de forma mais pronunciada”.

Também em nota, a Confederação Nacional da Indústria mostrou frustração com o corte, considerando que “deveria ter sido de, no mínimo, 1,5 ponto”.

– A decisão, portanto, representou uma postura conservadora. O recuo da taxa básica de 20% para 19% ainda mantém a taxa de juros real em torno de 12% ao ano, o que é uma taxa

muito elevada – avaliou a CNI.

O analista Vladimir Caraschi, do Banco Fator, discorda. Para ele, o país está próximo de atingir um ponto de equilíbrio na taxa real (8% a 10% ao ano). Hoje, dependendo da previsão de inflação, os juros reais variam de 12% a 13%.

Em linha com o empresariado, no entanto, Ricardo Denadai, economista da LCA Consultores, considera a conjuntura global favorável (reaquecimento dos países ricos, liquidez internacional e risco país) para um corte maior.

– A demanda interna está tão deprimida e a capacidade ociosa das empresas é tão grande que não haveria pressão sobre a inflação – considerou.

esimao@jb.com.br e
cbs@jb.com.br